

Universidade de São Paulo  
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

**Ricardo Leite Camargo**

**A VISIBILIDADE DO OUTRO NO COTIDIANO: representações de estudantes  
universitários sobre direitos e necessidades alheios**

**Piracicaba/SP  
2017**

## RESUMO

A presente investigação tem como justificativas as seguintes contribuições teórico-empíricas de La Taille (2006, 2009): a) o diagnóstico de uma sociedade contemporânea acometida pelo “crepúsculo do dever” e sob influência de uma “cultura da vaidade”; b) a proposição de ações educacionais intencionais e diligentes para que se estabeleça uma “cultura do sentido e do respeito”, em que os valores éticos tenham primazia nas relações interpessoais. Trata-se de um estudo diagnóstico, de teor quantitativo e qualitativo, nos domínios da Psicologia Moral, sobre a condição subjetiva do graduando em relação a direitos e necessidades alheios. Procura-se conhecer o espaço que os interesses do outro (exigíveis e não exigíveis) ocupam nas representações de estudantes universitários. A coleta de dados se fará com a aplicação de um questionário com perguntas fechadas em 500 alunos de diferentes cursos de uma universidade paulista. Pretende-se, com o levantamento e as análises, subsidiar a construção de ambientes universitários cooperativos, solidários e justos, em que a percepção do outro ganhe relevo/empatia.

**Palavras-chave:** Visibilidade do outro. Empatia. Moral. Ética. Cotidiano universitário.

## 1. Introdução: contexto e justificativa

De acordo com La Taille (2009), a sociedade pós-moderna não vem alimentando uma “cultura do autorrespeito”, em que predominam valores como justiça, generosidade e honra, mas sim uma “cultura da vaidade”, em que a superficialidade, o consumismo, a competitividade e o vazio são características bem presentes e acentuadas. Os “vaidosos”, nesse sentido, dão grande destaque ao *ter* e ao *parecer*, em detrimento do *ser*. Ganha valor aquele que se dá melhor que outros, por ora relegados à condição de plateia e reduzidos à invisibilidade.

Esse diagnóstico explica, em boa medida, o “crepúsculo do dever” que parece acometer a sociedade contemporânea (LIPOVETSKY, 1994): com a liquidação dos ideais de abnegação e da cultura do dever, prevalece uma moral indolor, cujos imperativos são juventude, saúde, lazer, sexo, fama, sucesso, entre outros. Esse “crepúsculo do dever”, segundo La Taille (2006), promove uma desconfiança crescente em relação à idoneidade moral das pessoas e, em razão disso, multiplicam-se formas exteriores de controle por meio de leis e regras. Cada vez mais, o indivíduo precisa de regulação exterior, seja por intermédio de punição, seja de recompensa, já que é incapaz de se conduzir por princípios éticos universais baseados na reciprocidade e no respeito incondicional pelo outro, somente possíveis quando este é assumido como fim, e nunca como meio (KANT, 2006).

Uma vez que mesmo o mais autônomo dos seres, quando se trata de eleger projetos de vida, depende das pautas existenciais colocadas pela sociedade em que vive, numa cultura em que se assiste a um achatamento dos valores a construção da personalidade ética fica severamente comprometida. E, mais ainda, se a “cultura da vaidade” mantém o sujeito com uma noção de direitos autorreferenciada – o que contribui para que o outro, seus direitos e necessidades não sejam enxergados –, esvazia-se, assim, a moral de um de seus fundamentos essenciais.

Formar, portanto, indivíduos que valorizem os princípios da moralidade, numa cultura em que justamente tais princípios estão adormecidos, é uma tarefa cotidianamente desvalorizada. O “antídoto” proposto por La Taille (2009) são ações educacionais intencionais e diligentes para que se estabeleça uma *cultura do sentido e do autorrespeito*.

Num de seus conhecidos textos, “Memória de velhos”, Ecléa Bosi (1994) aborda a insuficiência da tolerância nos relacionamentos ou no convívio com o

diferente. Se, por um lado, precisamos de tolerância para os nossos vínculos, por outro a tolerância é o mínimo garantido para que esses vínculos não se esfacem. Contudo, se eles dependerem somente de tolerância, pouco irão progredir. E isso porque a tolerância pode significar apenas o freio moral ou algum outro tipo de impeditivo para que o diferente não seja ferido, oprimido. Pois bem, garante-se que o outro não será ultrajado, o que pode até soar como um ato civilizatório bastante elogiado. Mas isso é tudo? Podemos chamar o apenas não ferir de ato civilizatório? Talvez, se o único elemento de comparação fosse a barbárie. *Os vínculos humanos precisam mais do que apenas tolerância.*

Respeitar pode apresentar uma abrangência bem maior do que aquela compreendida pela tolerância, que implica o simplesmente não agredir, não violentar, não verbalizar o preconceito, conter o autoritarismo, desviar a ofensa. Não estamos minimizando o benefício que essas expressões do respeito representam para a vida social. Aliás, que sociedade haveria se elas estivessem ausentes? Que sala de aula pode dispensar esse contrato social? *Nosso objetivo, no entanto, é considerar o respeito como algo que, para além de não fazer mal a outrem, inclui um investimento de excelência nesses vínculos, uma postura que, transcendendo a fuga do mal, promove também a realização do bem. Que é capaz de prestar atendimento não apenas porque o dever obriga, mas também porque o altruísmo e a solidariedade recomendam.*

Tendo em vista essa dimensão alargada do respeito, que nos propõe Bosi (1994), passemos agora à realidade escolar. A falta de respeito está na ordem do dia nas relações ali vivenciadas: há muito que as incivildades, o *bullying* e a indisciplina têm-se tornado objeto central de alguns estudos científicos. Gerenciar os conflitos e promover um ambiente sociomoral cooperativo, orientado pelo respeito mútuo e pela reciprocidade, têm-se tornado o alvo de muitos estudiosos e educadores preocupados com a formação de pessoas autônomas e aptas a cooperar (PIAGET, 1948/1973; VINHA, 1997; 2003).

Não indiferentes à propagação da “cultura da vaidade” e ao conseqüente “crepúsculo do dever” na sociedade contemporânea, as escolas e os centros formativos, espaços por excelência das relações, precisam favorecer a “cultura do autorrespeito” (LA TAILLE, 2006, 2009), sob a qual valores como justiça,

generosidade, solidariedade e honra possam se tornar centrais e participar das escolhas que constituirão a identidade do profissional do graduando.

Essa formação humanizadora, poderá ser propulsora de uma “maneira de ser” também humanizadora. Que prima por dar olhar ao outro, por “aperceber-se do outro”.

Atentos aos desdobramentos sociais desse cenário e preocupados com a formação moral das novas gerações, propomos um estudo, nos domínios da psicologia moral, a fim de fornecer alguma contribuição à educação escolarizada contemporânea, no sentido de esta poder oferecer a alternativa de ambientes cooperativos, solidários e justos para que as disposições para a moralidade se tornem valor aos olhos das novas gerações.

## **2. Os objetivos**

Considerando que a qualidade das interações entre os estudantes de no período da graduação constitui um aspecto importante de sua identidade profissional em formação; considerando, ainda, que além do preparo técnico o curso de graduação poder favorecer aos alunos a construção de uma sensibilidade/empatia pelo outro e seu entorno; este estudo propõe:

- evidenciar a condição subjetiva do estudante em relação a direitos e necessidades alheios;
- conhecer o espaço que os interesses do outro (exigíveis e não exigíveis) ocupam nas representações do graduando;
- subsidiar um investimento da universidade numa ênfase formativa mais humanizadora.

## **3. Hipóteses**

### **O aluno de graduação não vive experiências interpessoais significativas**

As experiências de “descortinamento” do outro (considerando a visibilidade mais atenta da figura do outro) ainda ocupa níveis elementares no cotidiano da vida universitária.

A visibilidade insipiente da pessoa do outro se expressa pela ausência da “escuta ativa”, a única que permite conhecer o outro em suas necessidades inaparentes.

O convívio, embora intenso e amistoso, pode mascarar a presença de relações que são apenas superficiais. Deste modo, mantem distantes os que fisicamente estão próximos.

## **4. Métodos**

### **4.1 O método**

Esta pesquisa se servirá das abordagens quantitativa e qualitativa. A técnica de coleta de dados constitui-se da aplicação de um questionário de nossa elaboração com perguntas fechadas (ver Anexo I), que podem ser classificadas em duas grandes categorias: 1) O graduando e as necessidades alheias; e 2) O graduando e os direitos alheios.

### **4.2 Local da pesquisa**

A pesquisa será desenvolvida na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ/USP.

### **4.3 Os sujeitos**

Procuraremos entrevistar 500 (quinhentos) graduandos de diferentes cursos da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ/USP. Entende-se que essa amostra é suficiente para recolher indícios que validem ou não as hipóteses diretoras deste trabalho.

### **4.4 Critérios de inclusão e exclusão**

O critério de inclusão levará em conta alunos que voluntariamente queiram participar desta pesquisa e estejam regularmente matriculados nos cursos de graduação da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – ESALQ/USP.

O critério de exclusão, por sua vez, vincula-se à possibilidade de o participante desistir da colaboração nesta pesquisa como previsto no TCLE por ele assinado.

#### **4.5 Análise dos dados**

Os dados serão tabulados e proceder-se-á a uma análise de teor predominantemente qualitativo, num diálogo com o referencial teórico que fundamenta esta pesquisa. A princípio, o olhar que começamos a dirigir para as preocupações aqui propostas e que orientarão a pesquisa empírica, tomam como fundamento teórico, entre outras, as seguintes referências: La Taille (2006, 2009); Lipovetsky (1994); Vinha (1997, 2003); Tognetta e Vinha (2007, 2011); La Taille e Menin (2009); Kant (2006); Piaget (1932/1994); Togneta (2006), Bronzatto (2010), Bronzatto e Camargo (2010).

#### **5. Resultados esperados**

Espera-se que os conhecimentos produzidos com esta pesquisa contribuam para a construção de ambientes universitários mais cooperativos, solidários e justos, em que as disposições para a vida ética, sobretudo relacionadas a uma maior sensibilidade a direitos e necessidades alheios, ganhem relevo. Espera-se, ainda, que tais conhecimentos subsidiem uma ênfase formativa mais humanizadora.

## 6. Cronograma de desenvolvimento da pesquisa

	2017			2018		
	Abr-jun	Abr-Ago	Set - Dez	Jan - Jun	Jul - Out	Nov - Dez
Submissão ao CEP	X					
Levantamento Bibliográfico	x	X	X			
Coleta de Dados			X			
Análise dos Dados				X		
Construção do Trabalho					X	
Elaboração do Relatório Final						X

## 7. Referências bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRONZATTO, Maurício. *A ética do “desperdício”*: a influência da compaixão no querer fazer moral de adolescentes. 2010. 473 f. Tese (Doutorado em Educação). Unesp FCL Araraquara, SP, 2010.

BRONZATTO, Maurício; CAMARGO, Ricardo Leite. Moral e afetividade em Piaget: “Os movimentos íntimos da consciência” em *O Juízo Moral na Criança*. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, v.3, n.5, jan-jul. 2010. Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/view/1969/1621>. Acesso em 27/04/2015.

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LA TAILLE, Y. de. *Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- LA TAILLE, Y. de. *Formação Ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LA TAILLE, Y. de.; MENIN, M.S.S. e col. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LIPOVETSKY, G. *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. D. Quixote. Lisboa, 1994.
- PIAGET, J. *A Representação do Mundo na Criança*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1926.
- PIAGET, J. *O Juízo Moral Na Criança*. São Paulo: Summus, 1932/1994.
- PIAGET, J. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948/1973.
- SAVATER, F. *Ética como amor-próprio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- TOGNETTA, L.R.P. *Sentimentos e virtudes: um estudo sobre a generosidade ligada às representações de si*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2006.
- TOGNETTA, L.R.P. *Um panorama geral da violência na escola – e o que se faz para combatê-la*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Valores em crise: o que nos causa indignação? In LA TAILLE, Yves de; MENIN, Maria Suzana De Stefano e col. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.
- TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi (Orgs.). *Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade?* Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- VINHA, T. P. *O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2 v., 1997.
- VINHA, T. P. *Os conflitos interpessoais na relação educativa*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP, 2003.

**ANEXO I – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

## I – O graduando e as necessidades alheias

Aqui nesta universidade, como um jovem que aparenta estar triste/deprimido ou enfrentando dificuldades pessoais é tratado pelos outros jovens? (assinale a opção que, em seu entender, teria mais adesões)

a) Fazem piada com a situação dele.

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

b) Deixam esse jovem “na dele”.

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

c) Os jovens pensam: esse é um assunto particular, que só diz respeito à pessoa.

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

d) As pessoas podem até ajudar desde que o jovem peça ajuda.

Concordo totalmente	Concordo em partes	Discordo

e) É difícil perceber se um jovem está triste/deprimido?

Muito difícil	Difícil	Às vezes é difícil	Não é tão difícil	É fácil

f) Quando as pessoas percebem que alguém está triste/deprimido ou enfrentando dificuldades, elas pegam mais leve com ele?

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

g) Quando percebem que alguém está triste/deprimido ou enfrentando dificuldades, as pessoas dedicam-lhe mais tempo?

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

h) Você ouve os professores e os colegas dizendo que depressão é “frescura”, coisa de gente fraca ou algo do gênero?

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

i) Na sua opinião, de que um jovem deprimido mais precisa? (Atribua valores de 1 a 5, sendo 5 aquilo de que o jovem deprimido mais precisa e 1 aquilo de que ele menos precisa)

Medicação	
Tratamento com um psicólogo	
Lazer e distração	
Ser escutado	
Ter melhores condições de vida	

j) De cada 10 jovens desta universidade que ficam sabendo de algum colega que estuda aqui e está enfrentando alguma dificuldade, quantos fazem alguma coisa por esse colega?

k) Muda alguma coisa se a pessoa com dificuldade for um desconhecido?

l) De 0 a 10, o quanto o seu curso contribui para que as necessidades alheias sejam enxergadas?

m) De 0 a 10, o quanto os seus professores contribuem para que as necessidades alheias sejam enxergadas?

## II – O graduando e os direitos alheios

Dê sua opinião sobre a maneira como os jovens desta universidade se comportam em relação às seguintes situações (assinale a opção que, em seu entender, teria mais adesões):

a) Um jovem de 20 anos assumiu publicamente neste semestre a sua homossexualidade.

Nada mudará em relação a suas amizades	Ele perderá alguns poucos amigos	Ele perderá muitos amigos	Ele passará a ser evitado

b) Ainda sobre o jovem que assumiu a sua homossexualidade.

Ele continuará sendo respeitado	As pessoas o tolerarão porque não podem agir de outro modo	Ele receberá ataques anônimos	Ele será abertamente hostilizado e perseguido

c) João é obeso. Maria já ficou com muitos meninos. Pedro é “nerd”. Lúcia é negra. Em geral, a comunidade escolar reage assim em relação a esses jovens:

Cada um tem suas características e o seu jeito próprio de ser. Ninguém é melhor ou pior.	Não é tão fácil assim conviver com as diferenças, mas as pessoas estão se esforçando.	O preconceito continua existindo, só está disfarçado.	As pessoas sofrem ataques pessoais, bullying e discriminação abertamente.

d) O direito daqueles que reivindicam dos demais colegas a colaboração para terem um ambiente adequado de aprendizagem em sala de aula é respeitado?

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

e) Eduardo encontrou sua calculadora científica danificada quando voltou do intervalo. Antes que fizesse queixa do ocorrido, Lucas o procurou e contou que, aproveitando a sua ausência, havia usado sem permissão o aparelho. Por um

descuido, a calculadora caiu de suas mãos e se espatifou no chão. Mas ele prometeu falar com seus pais para reparar o dano causado a Eduardo. Lucas agiu voluntariamente nessa situação. Ninguém tinha visto o acidente. Se quisesse, ele poderia se calar, mas preferiu assumir a culpa. Atitudes como a de Lucas, nesta universidade (ou faculdade), acontecem:

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

f) Marcelo estava perto da cantina, olhou para o chão e viu uma nota de 50 reais. Não teve dúvidas: pegou-a rapidamente e entrou na fila para comprar alguma coisa. Enquanto aguardava a sua vez de ser atendido, viu um estudante olhando para o chão e procurando algo. Esse jovem perguntou a todos os que estavam por perto se haviam visto uma nota de 50 reais que ele acabara de perder. Todos responderam que não, inclusive Marcelo. Mas quando chegou a sua vez de ser atendido, Marcelo, envergonhado, chamou a funcionária da cantina a um canto, contou-lhe o episódio e entregou a ela a nota que não lhe pertencia. Depois procurou o jovem e disse-lhe que alguém tinha achado seu dinheiro e devolvido na cantina. Atitudes como a de Marcelo, aqui nesta universidade (ou faculdade), acontecem:

Sempre	Quase sempre	Às vezes	Raramente	Nunca

g) Apresentar uma imagem de um jovem sendo ignorado por um outro que, na sua frente, está ao celular. A seguir, certificar-se de que o jovem entendeu a mensagem da imagem e perguntar: “De 0 a 10, qual a frequência com que isso acontece entre os estudantes nesta universidade (ou faculdade)?”

h) Aqui nesta universidade, os jovens têm:

Muito mais adversários do que amigos	Mais adversários do que amigos	Tanto adversários quanto amigos	Menos adversários do que amigos	Muito menos adversários do que amigos	Somente amigos

i) Aqui nesta universidade , os conflitos entre os estudantes são resolvidos...

Muito mais pela agressão do que pelo diálogo	Mais pela agressão do que pelo diálogo	Menos pela agressão do que pelo diálogo	Muito menos pela agressão do que pelo diálogo	Pelo diálogo


j) De 0 a 10, o quanto o seu curso contribui para que os direitos alheios sejam enxergados?

k) De 0 a 10, o quanto os seus professores contribuem para que os direitos alheios sejam enxergados?